



José Cardoso Pires

«Caminheiros e outros contos» foi uma espantosa revelação. Aquelas realidades pungentes que o autor trouxe para a literatura mostraram que nascera um verdadeiro escritor. «Histórias de Amor» e «O Anjo ancorado» confirmaram plenamente os mais optimistas vaticínios. Nascido em Peso (Vila de Rei), — durante muito tempo julgámo-lo natural de Peso (Covilhã) — José Cardoso Pires foi chefe de redacção da revista «Eva», secretário da editora «Livros do Brasil, Ld.ª», e director literário da Editorial Gleba. Contos seus foram incluídos em antologias brasileiras e italianas e no Argosy, de Londres. É actualmente um dos cinco directores da Sociedade de Escritores Portugueses.

Cardoso Pires, convidado a tomar contacto com os leitores deste jornal mandou-nos o seguinte depoimento:

Embora nascido numa aldeia da Beira Baixa, donde saí aos primeiros meses, acontece, por uma destas bizarras circunstâncias que a vida nos tece, que, conhecendo razoavelmente o país, seja esse precisamente o canto da minha província por onde menos tenho passado.

Não que me falte para isso natural curiosidade nem justificada interesse. O apêlo das raízes é uma força a que não escapa o mais frio dos mortais e eu, beirão de nascença, embora criado em Portugal e fora dele, não poderia desaparecer-me de certas virtudes e de outros tantos vícios temperamentais adquiridos no convívio familiar, também oriundo da Beira, e nas amizades desse ambiente.

Procuram-me uma vez por outras pessoas da minha província. Entre as companhias que melhores momentos na vida me têm proporcionado distingo precisamente um desses beirões, um modestíssimo proprietário das vizinhanças da minha aldeia, homem de sete fôlegos, aventureiro da estirpe do beirão Fernão Mendes Pinto, e que hoje, aos setenta anos, é dos mais coloridos conversadores com que tenho privado.

Não é em vão que se vive em dada realidade local. Mesmo indirectamente, através da família, de parentes que se dão a conhecer, de histórias pícaras, de dramas e de alegrias contadas, estabelece-se uma solidariedade com a nosas província, que não é mais do que o escalão pormenorizado da solidariedade com o nosso tempo português.

IMPrensa REGIONAL

Creio que hoje em dia, à medida que se facilitam as comunicações e se multiplicam por todo o país as centrais de energia, se assiste a uma desconcentração económica e industrial que obriga, ou obrigará num futuro muito próximo, a tribuir maiores autonomias às instituições locais. A imprensa regional desempenhará ainda mais relevante papel do que actualmente ocupa, como intérprete in loco dos problemas do Município. Não apenas dos problemas económicos; dos culturais também. A importância dos suplementos literários dos jornais de província, como campo de recrutamento de novos valores, é incontestável.

Sem novos escritores, sem um movimento perpétuo de revelações sucessivas a literatura de um país não estagna. Pior do que isso: adquire aspectos regressivos. E se atentarmos em que entre a lição dos novos e a lição dos consagrados se estabelece a mais fecunda das correntes que alimentam a criação literária; se considerarmos, como unânime se considera, que a imprensa regional tem tido parte importante no lançamento dos novos autores; se repararmos, enfim, em que a maioria dos nossos escritores de primeiro plano não são lisboetas, portuenses ou conimbricenses — se medirmos tudo isto, teremos alguns dados em louvor da imprensa local, na importância de que actualmente dispõe e da muito maior que deve vir a ter.

SITUAÇÃO DO ESCRITOR PORTUGUÊS

Pela primeira vez de há dezenas de anos para cá, assiste-se a um interesse verdadeiramente encorajador por parte do público em relação aos originais portugueses. Os editores, agora mais actualizados em matéria de traduções, dedi am muito do seu interesse à publicação de obras nacionais numa base que já não se apresenta com o ar de macenato ou de mero desporto «por honra da firma». Para as editoriais o violino de Ingres passou a constituir negócio...

Por outro lado, a Sociedade de Escritores tem desenvolvido uma acção prestigiadora da profissão literária, criando o Prémio anual «Camilo Castelo Branco» no valor de cinquenta contos, em colaboração com o Grémio de Editores e Livreiros, e prepara outro para este ano destinado a revelar novos prosadores.

A pouco e pouco, numa velocidade injustamente retardada por interesses medievais adversos ao exercício das letras, os nossos escritores têm vindo a ser compreendidos pelo público nacional e estrangeiro. A lista de traduções de originais portugueses ampliam-se, as antologias que se editam lá fora incluem os nossos contistas ao lado dos autores mais representativos dos outros países. Parece que, finalmente, se descobriu que a nossa literatura não parou em Eça de Queiroz...